



REFLEXÃO E RESSIGNIFICAÇÃO

Coordenadores da coleção:

Jales Mendonça, *D.Sc.*

Nilson Jaime, *D.Sc.*

Editor geral da coleção:

Nilson Jaime, *D.Sc.*

Conselho editorial:

Abílio Wolney Aires Neto, *D.Sc.*

Ademir Luiz da Silva, *D.Sc.*

Aline Santana Lôbo, *M.Sc.*

Altair Sales Barbosa, *Ph.D.*

Bento A. A. Jayme Fleury Curado, *D.Sc.*

Eguimar Felício Chaveiro, *D.Sc.*

Eurípedes Afonso da Silva Neto, *D.Sc.*

Elizabeth Caldeira Brito, *M.Sc.*

Gilberto Mendonça Teles, *D.Sc.*

Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo, *D.Sc.*

Horieste Gomes (Doutor *Honoris Causa*)

Lorraine Gomes da Silva, *D.Sc.*

Lúcia Rincón, *D.Sc.*

Maria do Espírito Santo R. C. Ribeiro, *D.Sc.*

Maria Severina Guimarães, *D.Sc.*

Marlene Castro Ossami de Moura, *D.Sc.*

Marshal Gaioso Pinto, *Ph.D.*

Marta Quintiliano, *M.Sc.*

Nasr Nagib Fayad Chaul, *D.Sc.*

Othaniel Alcântara, *D.Sc.*

Ordália Cristina Gonçalves Araújo, *D.Sc.*

Poliene S. S. Bicalho, *D.Sc.*

Ricardo Júnior de Assis F. Gonçalves, *D.Sc.*

Robert Mori, *D.Sc.*

Sandra Maria Fontoura de Queiróz Pina, *M.Sc.*

Sandro Dutra e Silva, *D.Sc.*

Sélvia Carneiro de Lima, *D.Sc.*

Sinval Martins de Sousa Filho, *D.Sc.*

Thaís Alves Marinho, *D.Sc.*

Vanessa Hätxu de Moura Karajá



GOIÁS +300
REFLEXÃO E RESSIGNIFICAÇÃO

Cronistas e Viajantes

VOLUME IV

Coordenadores da Coleção

Jales Mendonça

Nilson Jaime

(Editor-geral)

Organizadores

Lenora de Castro Barbo

João Guilherme Curado

GOIÂNIA | 2023

© Autoras e autores – 2023

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.
Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825,
de 20 de dezembro de 1907.
Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),
Catalogação na Fonte



Coordenadores da coleção:
Jales Mendonça
jalescoelhomendonca@gmail.com
Nilson Jaime (Editor-geral)
nilsongjaime@gmail.com

VOLUME IV – Cronistas e Viajantes

Organizadores:

Lenora de Castro Barbo | João Guilherme da Trindade Curado

Autores:

André Heráclio do Rêgo, D.Sc.	Gustavo Neiva Coelho, M.Sc.	Marcos A. de Menezes, D.Sc.
Andrey Rosenthal Schlee, D.Sc.	Iris Kantor, D.Sc.	Maria de Fátima Oliveira, D.Sc.
Antônio César C. Pinheiro, D.Sc.	Jales Mendonça, D.Sc.	Nádia Mendes de Moura, D.Sc.
Beatriz P. Siqueira Bueno, D.Sc.	João Guilherme Curado, D.Sc.	Nilson Jaime, D.Sc.
Beatriz Soares Dos Santos Silva	Jorge Pimentel Cintra, Ph.D.	Paulo Bertran (<i>in memoriam</i>)
Deusdedith Rocha Jr., D.Sc.	José Rogério Beier, D.Sc.	Rafael Alves Pinto Junior, D.Sc.
Elias Manoel da Silva, M.Sc.	Lenora de Castro Barbo, D.Sc.	Renata Carneiro, M.Sc.
Eliézer C. de Oliveira, D.Sc.	Lorelai Kury, D.Sc.	Sônia Maria de Magalhães, D.Sc.
Fabio S. Santa Cruz, D.Sc.	Márcia Maria D. dos Santos, D.Sc.	Tereza Caroline Lôbo, D.Sc.
Fernanda Soares Rezende, D.Sc.	Marco Antonio de Faria Galvão	Thalles Murilo Vaz Costa, M.Sc.

Gravura da capa: Saint-Hilaire (domínio público)

Projeto gráfico, capa e editoração: Adriana Almeida

Revisão: Fátima Toledo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cronistas e viajantes : volume IV / organizadores: Lenora de Castro Barbo, João Guilherme da Trindade Curado ; coordenadores da coleção: Jales Mendonça, Nilson Jaime. Goiânia, GO : Edições Goiás +300, 2023.
458 p. ; 16 x 23 cm. – (GOIÁS +300 : reflexão e ressignificação / coordenadores da coleção: Jales Mendonça, Nilson Jaime (editor-geral) ; v. 4)

ISBN 978-65-87737-78-2

1. Goiás – História 2. Goiás – Descrições e viagens 3. Viajantes – Goiás. I. Barbo, Lenora de Castro. II. Curado, João Guilherme da Trindade. III. Mendonça, Jales. IV. Jaime, Nilson. V. Série.

23-171141

CDD-981.73

Índices para catálogo sistemático:

1. Goiás : Estado : História 981.73

Tábata Alves da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9253

Capítulo 9

A NOVA CAPITAL GEOGRÁFICA DO BRASIL NA BOTÂNICA DE AUGUSTE SAINT-HILAIRE (1817-1847)

Iris Kantor¹

A “Quarta Descoberta” e a escrita da geografia brasileira

A abertura dos portos brasileiros para as “nações amigas” em 1808 inaugura o quarto momento de reconhecimento e representação territorial da América portuguesa. As primeiras expedições de reconhecimento geográfico do litoral Atlântico foram realizadas nas primeiras décadas do século XVI, emuladas pelo Tratado de Tordesilhas e estimuladas pela comercialização de pau-brasil, da canela, de macacos, papagaios e outros pássaros². A segunda fase de reconhecimento espacial se desenvolveu com a expansão do gado, a interiorização da captura das populações ameríndias e o garimpo de ouro, desde o início da União Ibérica até o final do século

1 Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil. Artigo preparado com auxílio da bolsa do CNPq Produtividade e apoio da CRBC-EHESS (Paris). Uma versão do artigo foi publicada na coletânea *Le Moment 1816 des Sciences et des Arts: Auguste de Saint-Hilaire, Ferdinand Denis et le Brésil*, Sorbonne Univ. Press, 2022, p. 245-270. Agradeço também Milena Natividade da Cruz e Rogério Beier pela assistência na coleta de dados bibliométricos que evidenciam os argumentos que procuramos apresentar neste texto. Uma versão mais longa desse levantamento será publicada em breve. E-mail: ikantor@usp.br

2 Teixeira & Papavero (2006).

XVII³. Um terceiro momento correspondeu ao processo de demarcação das fronteiras interimperiais estabelecidas por tratados diplomáticos entre a Espanha e Portugal na segunda metade do século XVIII (Tratado de Madrid e Tratado de Santo Ildefonso, 1750 e 1777). Nesse período, cerca de 200 engenheiros militares, astrônomos e naturalistas percorreram os vastos rincões do continente, reunindo informações estratégicas sobre a geografia física, política e econômica das zonas fronteiriças dos impérios coloniais⁴.

A quarta “descoberta do Brasil”, na expressão de Sérgio Buarque de Holanda, se diferencia das anteriores pela intensificação das modalidades de circulação da informação geográfica, assim como pela sua sistematização no seio das academias de ciências e nas sociedades de geografia europeias, especialmente a partir dos anos 1820.⁵ Com efeito, nesse momento, a divulgação de relatos geográficos adquire escala e difusão inéditas, configurando uma comunidade científica que integrou naturalistas estrangeiros⁶, mediadores locais e autoridades governamentais. A presença dos naturalistas franceses, austríacos, germânicos, russos e ingleses permitiu a conformação de uma república das letras⁷, condição necessária para a escrita da história natural universal. A monarquia valia-se do seu patrimônio ambiental, prestando-se também aos propósitos de afirmação da monarquia brasileira⁸. A respeito desse tema, Auguste de Saint-Hilaire observa:

Até os primeiros anos deste século, o Brasil, desconhecido pelos estrangeiros, se apresentava à imaginação dos Europeus como uma terra misteriosa que era povoada de maravilhas. Bastou que o lugar se tornasse acessível a todos, que os sábios de várias nações se apressaram a visitá-la, e eles reconheceram que não haviam sido enganados em suas expectativas. Lá tudo seria estudado: plantas, animais, posição dos lugares, a configuração do solo. O pouco que se acreditava saber sobre esse país era um emaranhado de erros, devia ser esquecido... (SAINT-HILAIRE, 1847, p. 257).

3 Abreu (1928); Moraes (2006); Almeida (2001); Magalhães (1998).

4 Cortesão (1963); Araújo (2001); Kantor (2009).

5 Refere-se aqui à denominação de Sérgio Buarque de Holanda. Lejeune (1993).

6 Costa & Diener (2018, p. 97-98); Süsskind (1990, p. 35-153); Leite (1997, p.199-218).

7 Kury (2017, p. 7-19).

8 Guimarães (2000); Cezar (2004, p. 11-29).

Em seu ensaio *Tableau des Dernières révolutions du Brésil*, publicado na *Revue des Deux Mondes em 1831*, por ocasião da renúncia de Dom Pedro I, em plena época de revoltas provinciais e de negociações sobre o fim do tráfico negreiro, ele aponta: “Havia um país chamado Brasil; mas absolutamente não havia brasileiros” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 213)⁹. Seu temor acerca das possibilidades de fragmentação da unidade política era real, a tal ponto que ele preconizou o deslocamento da capital do Rio de Janeiro ao Planalto Central, em alguma parte da Província de Goiás. Segundo ele, “não havia, absolutamente, no Brasil, um centro comum; era um círculo imenso cujos raios iam convergir bem longe da circunferência” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 213). Tinha em mente o paradigma da França pós-revolucionária, e buscava articular a geografia botânica com os princípios da economia política e da administração fiscal do Estado, conforme apontou Claudia Damasceno (2016). Preocupado em frear o separatismo, e as ameaças de fragmentação da unidade territorial, considerava necessário superar a herança negativa do sistema colonial, uma vez que ela poderia conduzir à guerra civil.

Os brasileiros, ao contrário, não saberiam estabelecer em seu país o sistema federal, sem começar por romper as fracas ligações que os unem ainda. Sôfregos de autoridade, vários dos chefes desses patriarcados aristocráticos de que o Brasil está coberto querem sem dúvida o federalismo; mas, que se acautelem os brasileiros contra uma decepção que os levará à anarquia e aos vexames de uma multidão de pequenos tiranos, mil vezes mais insuportáveis que um déspota único (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 219).

A proposta de deslocar a capital administrativa ao centro geométrico da América portuguesa evocava o projeto de José Bonifácio de Andrada¹⁰, conforme ele mesmo explicita. O projeto de recentrar a capital política do império português na América havia sido apresentado pelos deputados de São Paulo nas Cortes de Lisboa em 1821:

9 Costa (2006a, p. 208-229); Camargo (2007, p. 82).

10 Dolhnikoff (2012, p. 123 e 192); Vidal (2002).

Parece-nos muito útil que se levante huma Cidade central no interior do Brasil para assento da Corte ou da Regência, que poderá ser na latitude pouco mais ou menos de 15 graus em sítio sadio, ameno, fértil e regado por algum rio navegável. Deste modo fica a corte ou assento da Regência livre de qualquer assalto e surpresa externa: e se chama para as Províncias centrais o excesso da povoação vadia das cidades marítimas e mercantis. Desta Corte central dever-se-hão logo abrir estradas para diversas províncias e Portos de mar; para que se comuniquem, e circulem com toda a prontidão as Ordens do Governo, e se favoreça por elas o comércio interno do vasto Império do Brasil.¹¹

Domínio das fontes, a validação e a credibilidade científica

Um aspecto ainda pouco estudado na historiografia sobre os relatos dos naturalistas diz respeito à utilização da cartografia em suas expedições pelo interior do Brasil. Seria necessário examinar de que maneira eles incorporaram as informações recolhidas no terreno, nas bibliotecas particulares e públicas, por meio do contato com eruditos, autoridades e práticos locais. Nesse sentido, as observações realizadas por Saint-Hilaire ilustram sua estratégia de verificação e de validação das informações recebidas e coletadas. Uma análise do processo de edição final dos relatos de viagem e dos ensaios científicos, publicados posteriormente na França, também nos permite identificar procedimentos e aspectos menos conhecidos. Um dos objetivos deste artigo é justamente de indicar algumas aproximações entre a representação espacial exposta por Saint-Hilaire no *Tableau géographique de la végétation primitive dans la province de Minas Geraes*, publicado em 1837 (Figura 1), e a teoria de Humboldt, apresentada 32 anos antes, em seu ensaio sobre a *Géographie des Plantes Equinoxiales*.¹²

No que concerne às modalidades de representação espacial, a obra de Alexander Humboldt transformou os modos de descrever a paisagem geográfica ao introduzir simultaneamente os dados relacionados com

11 *Lembranças e Apointamentos do Governo Provizório da Província de S. Paulo para os seus deputados, mandadas publicar por ordem de sua alteza real o Príncipe Regente do Brasil, 1821*, (p. 9).

12 Saint-Hilaire (1837); Humboldt, Alexander von & Bonpland Aimé (1805).

constituição geológica, hidrográfica, geobotânica e, especialmente, a medida de altitude. A publicação de *Géographie des Plantes* (1805) de Humboldt (Figuras 2 e 3) muda a maneira de se visualizar a fisionomia das regiões botânicas, onde os mapas geográficos servem para melhor comparar, classificar e explicar os sistemas de relevos e de redes hidrográficas (a respeito disso, ver em especial o mapa das linhas isotérmicas-1817).¹³ Desde então, os naturalistas registram as informações geológicas, hipsométricas, batimétricas no suporte em papel, inaugurando uma perspectiva tridimensional, como se pode observar no mapa *Des lignes isothermes et de la distribution de la chaleur sur le globe*, paru à Paris, 1817¹⁴. Ali, fundem-se a apreensão estética e a abordagem estatística mediadas por instrumentos de mensuração.

A teoria humboldtiana marca também uma inflexão das visões negativas sobre a natureza, além de oferecer uma nova explicação no que diz respeito ao “desenvolvimento civilizacional” (nos termos da época) nas áreas tropicais e equinociais, na medida em que ela descolou definitivamente a percepção sobre a impossibilidade de desenvolvimento humano e técnico nas regiões abaixo da linha do Equador, conhecidas desde a antiguidade como zona tórrida¹⁵. Se, por um lado, atenuava a tese que atribuía o grau de desenvolvimento de uma civilização às condições climáticas, por outro, reiterava que o clima temperado na região dos altiplanos eram lugares mais propícios para o desenvolvimento das civilizações.

Da mesma forma, Auguste de Saint-Hilaire concilia tradições diferentes articulando a botânica filosófica ao pensamento fisiocrático francês, baseando-se fortemente nos itinerários geográficos e nas estatísticas econômicas existentes para projetar espacialmente os sistemas botânicos, orográficos e hídricos¹⁶. O naturalista buscava localizar, descrever e comparar as espécies, e explicar sua interdependência, difusão geográfica e transformações ao longo do tempo e do ecúmeno.

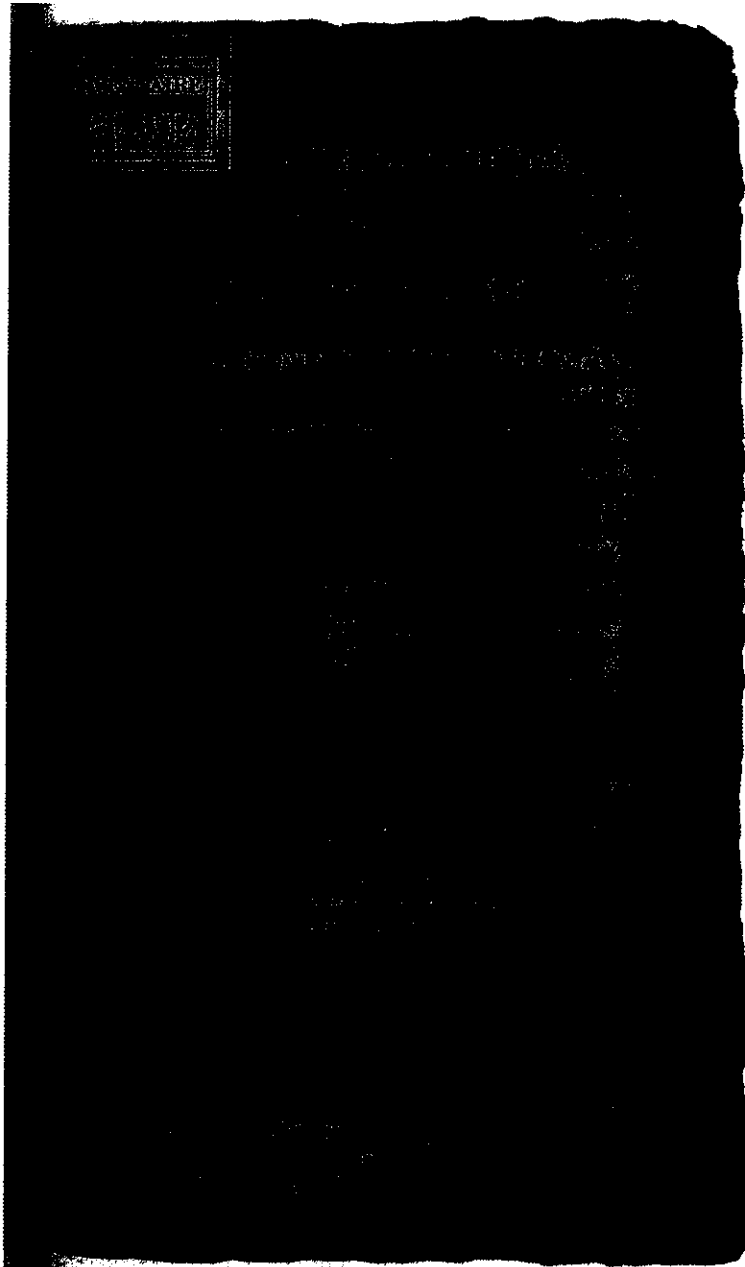
13 Bourguet (2004); Bourguet (2017, p. 159); Olarte Neito (2010).

14 Bourguet (2017, p. 160); Palsky (2014, p. 8-14).

15 Pádua (2010).


16 Kury (2014, p. 105-329).

Figura 1 – Auguste de Saint-Hilaire, Tableau géographique de la végétation primitive dans la province de Minas Geraes [Tabuada geográfica da vegetação primitiva na província de Minas Gerais], A. Pihan de La Forest, Paris, 1837



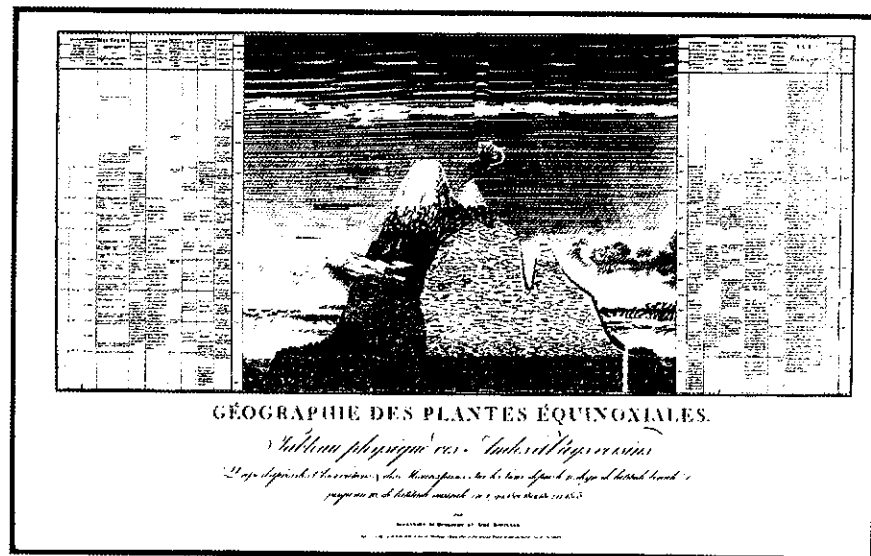
Fonte: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31281650z>.

ANOVA CAPITAL GEOGRAFICA DO BRASIL NA DO TANCIA DE SAINT HILAIRE
Figura 2 – Alexander von Humboldt, Aimé Bonpland, Essai sur la géographie des plantes, accompagné d'un tableau physique des régions équinoxiales, fondé sur des mesures exécutées, depuis le 10e degré de latitude boréale jusqu'au 10e degré de latitude australe, pendant les années 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803 [Ensaio sobre a geografia das plantas, acompanhado de uma tabuada física das regiões equinociais fundadas, sobre as medidas executadas, desde o 10° de latitude boreal até o 10° de latitude austral, durante os anos 1799, 1800, 1801, 1802 e 1803], Fr. Schoell / J. G. Cotta, Paris, 1807

 **ESSAI**
SUR LA
GÉOGRAPHIE DES PLANTES,
ACCOMPAGNÉ
D'UN TABLEAU PHYSIQUE
DES RÉGIONS ÉQUINOXIALES,
Fondé sur des mesures exécutées, depuis le dixième degré de latitude boréale jusqu'au dixième degré de latitude australe, pendant les années 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803.
PAR AL. DE HUMBOLDT ET A. BONPLAND.
RÉDIGÉ PAR AL. DE HUMBOLDT.
AVEC UNE PLANCHE
A PARIS,
CHEZ FR. SCHOELL, LIBRAIRE, RUE DES MAÇONS-SORBONNE, N.º 19.
ET A TUBINGUE, CHEZ J. G. COTTA, LIBRAIRE
1807.

Fonte: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30628220x><http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30628220x>.

Figura 3 – Perfil de elevação, sem coloração, das plantas equinociais e geologia da região dos Andes. Redigido por Humboldt e desenhado por Schonberger e Turpin. Compreende duas tabuadas que mostram a distribuição das plantas e a geologia na região, além de listar um grande número de famílias de plantas, gêneros e nomes de espécies correspondentes aos entornos equatoriais na América. Alexander von Humboldt, Aimé Bonpland, *Géographie des plantes équinoxiales...* Langlois, Paris, 1805



Fonte: https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/detail/RUMSEY~8~1~280014~90053203:Geographie-des-Plantes-Equinoxiales?sort=Pub_List_No_InitialSort%2CPub_Date%2CPub_List_No%2CSeries_No&qvq=q:humboldt;sort=Pub_List_No_InitialSort%2CPub_Date%2CPub_List_No%2CSeries_No;lc:RUMSEY~8~1&mi=16&trs=356.

Vale ressaltar que durante o período colonial, ou pelo menos até 1808, as referências cartográficas não eram de domínio público, dadas as restrições de impressão dos mapas geográficos. Por essas razões, os itinerários, mapas e roteiros escritos à mão circulavam apenas entre os naturalistas, tanto pela via diplomática quanto por meio das redes institucionais e interpessoais. Mas a consulta aos mapas e planos era fundamental para a escolha dos itinerários e dos percursos e, sobretudo, para a edição final das obras em Paris¹⁷.

Desse modo, pode-se perguntar: quais eram os mapas que guiaram seus trajetos de cerca de 12 mil quilômetros durante seis anos, entre 1816 e 1822?

17 Damasceno (2016, p. 207-237).

De que forma Saint-Hilaire se serviu do conhecimento geográfico disponível na época sobre o Brasil? Como é feita a distinção entre as informações orais, textuais e cartográficas recolhidas durante ou depois desses trajetos?

Saint-Hilaire integra dados de diferentes proveniências, como veremos. Em seu *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, por exemplo, encontram-se mais de 200 referências geográficas em grande maioria extraídas de eruditos locais e de informantes desconhecidos e anônimos (fazendeiros e pessoas comuns, que ele homenageia em seu relato). Nas *Voyages* pelas províncias brasileiras, ele indica a origem da informação, deixando entrever os processos de transmissão oral e textual a cada página da narrativa. Sua preocupação com a certificação dos dados utilizados, o confronto entre autores diversos e a análise meticulosa da informação empregada constituem um método de investigação que vale a pena acompanhar. O naturalista também preocupava-se em registrar dados que o vinculavam afetivamente com o lugar descrito¹⁸. De modo que os informantes locais desempenharam um papel decisivo no escrutínio da paisagem. Atua ao mesmo tempo como arqueólogo do passado longínquo e, como arquivista, reunindo e distinguindo as espécimes primitivas daquelas aclimatadas, buscava historicizar a paisagem natural.

As interações entre o naturalista e os eruditos ou práticos (geralmente guias indígenas ou caboclos) locais constituem um aspecto fundamental para compreender os itinerários escolhidos. Saint-Hilaire entrou em contato com a obra do engenheiro militar da Província de São Paulo, Daniel Pedro Müller (1785-1841) – autor de uma estatística e do primeiro mapa geográfico da Província de São Paulo¹⁹ –, pelas mãos do engenheiro mineralogista Wilhelm Eschwege (1777-1855). Este, por sua vez, tinha livre acesso a mapas e manuscritos originais e únicos.²⁰

Em seu ensaio hidrográfico (de 1847), Saint-Hilaire faz referência às polêmicas geográficas de sua época para discutir a obra dos naturalistas estrangeiros e valoriza, ainda que de forma ambígua, as obras dos eruditos e informantes orais locais. A respeito do autor da primeira corografia do Brasil (Figura 4), o padre Manuel Aires de Casal (1754-1821), ele comenta:

18 Kury (2014).

19 Beier (2015).

20 Saint-Hilaire (1940, p. 174); Cintra & Beier (2016).

[Ayres de] Casal, bem menos erudito que o coronel alemão [Eschwege], mas cuja exatidão e extensas pesquisas merecem grande estima, não distingue verdadeiramente as duas partes que, mais meridional, lançam águas ao Rio Paranyba, e a outra que, ao norte, alimenta o Tocantins, no entanto, ele reconhece perfeitamente que essa cadeia, embora mudando conforme o nome [que lhe é dado], é realmente una; ela se dirige do sul ao norte, separando Goyaz e Minas e de Pernambouc [sic.], e somente é interrompida por desfiladeiros (Boqueirão) (SAINT-HILAIRE, 1847, p. 262).

Saint-Hilaire desempenhou um papel importante na difusão da geografia do Brasil dentro do meio científico francês. Discutiu e incorporou as obras de outros autores estrangeiros, como foi o caso do seu compatriota Ferdinand Denis²¹, do naturalista bavarro Martius, com quem polemizou, e com Adrien Balbi.

Paisagem toponímica e renomeação

Embora nos relatos de viagem de Saint-Hilaire constem informações sobre as coordenadas latitudinais e longitudinais associadas a objetos geográficos, e sobre as distâncias relativas entre localidades e cidades, o naturalista não chega a mencionar quais os mapas que ele estaria utilizando como fontes principais. No entanto, em seu ensaio *Observations sur les diviseurs des eaux de plusieurs des grandes rivières de l'Amérique du Sud, et sur les noms qu'il convient de leur appliquer*, publicado nas *Nouvelles Annales des voyages des sciences géographiques* em 1847 (Figura 5), utiliza a *Carte du Brésil* (Figuras 6, 7 e 8) de Adrien-Hubert Brué (1786-1832) e indica aos leitores sua intenção de fornecer uma representação visual dos relevos e divisores de água dos principais rios da América do Sul, sugerindo também os nomes que poderiam ser adotados para separar as diferentes províncias brasileiras, sobretudo as províncias da região central do Brasil.²²

21 Denis (1833).

22 Saint-Hilaire (1847, p. 257-258).

ANOVA CAPITAL GEOGRAFICA DO BRASIL NA BOCA DO LANCIA DE SAINT-HILAIRE
Figura 4 – Frontispício da obra do abade Manoel Aires de Casal, considerado por Saint-Hilaire o pai da geografia brasileira

COROGRAFIA BRAZILICA,
OU
RELAÇÃO HISTORICO-GEOGRAFICA
DO
REINO DO BRAZIL
COMPOSTA E DEDICADA
A
SUA Magestade
FIDELISSIMA
POR
HUM PRESBITERO SECULAR
DO
GRAM PRIORADO DO CRATO.
TOM. II.



RIO DE JANEIRO
NA IMPRESSÃO REGIA
M. DCCC. XVII.

Com Licença e Privilegio Real.

Figura 5 – Observations sur les diviseurs des eaux de plusieurs des grandes rivières de l'Amérique du Sud, et sur les noms qu'il convient de leur appliquer, 1847

NOUVELLES ANNALES
DES VOYAGES

ET
DES SCIENCES GÉOGRAPHIQUES.

OBSERVATIONS
SUR LES DIVISEURS DES EAUX
DE PLUSIEURS DES GRANDES RIVIÈRES DE L'AMÉRIQUE DU SUD,
ET SUR LES NOMS QU'IL CONVIENT DE LEUR APPLIQUER.

Par M. AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE, membre de l'Institut.

Fonte: SAINT-HILAIRE, Auguste de. "Observations sur les diviseurs des eaux de plusieurs des grandes rivières de l'Amérique du Sud, et sur les noms qu'il convient de leur appliquer", *Nouvelles annales des voyages et des sciences géographiques*, t. 3, 1847, p. 257-258.

Nesse ponto, chama a atenção o cuidado de Saint-Hilaire na escolha de novos topônimos, de modo a respeitar, na medida do possível, a língua local para nomear as formações geográficas. Se uma planta é descrita em seu meio de origem, os topônimos deveriam também corresponder às realidades físicas²³.

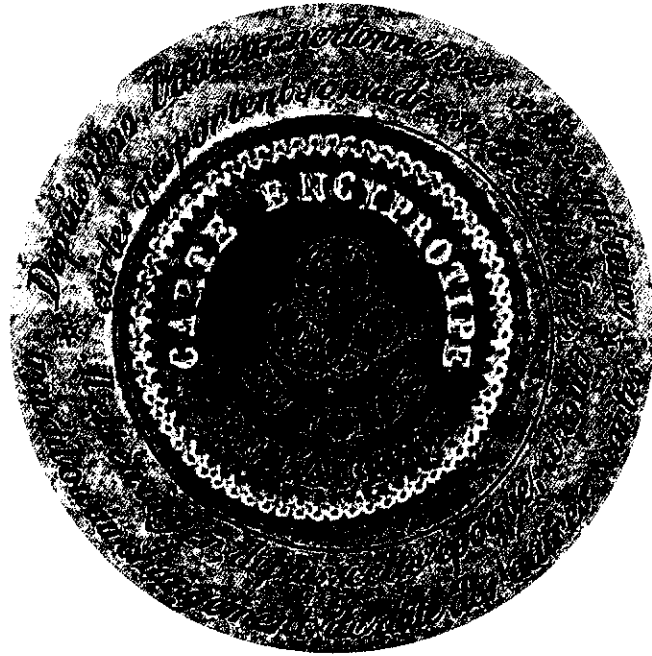
23 Kantor (2018, p. 287-303).

Figura 6 – Adrien-Hubert Brué, "Carte du Brésil et d'une partie des pays adjacents", dans op. cit. O mapa foi redigido segundo as observações astronômicas dos portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e de um grande número de mapas publicados ou inéditos



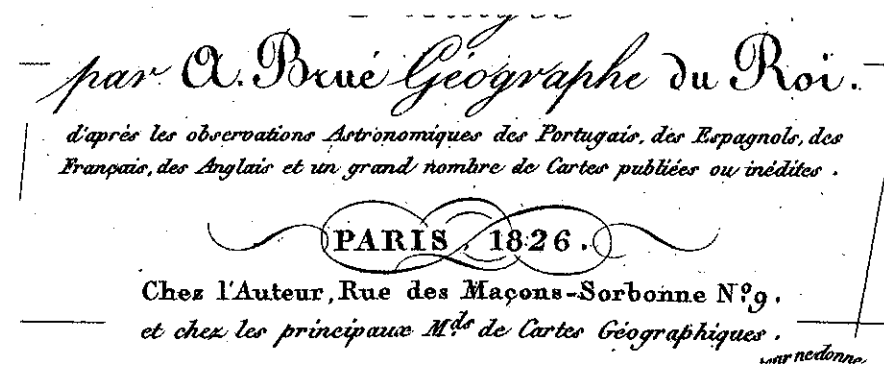
Fonte: http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/view/search/where/Brazil/?sort=Pub_Date%2CPub_List_No_InitialSort&q=World_Area%3D%22South+America%22+LIMIT%3ARUMSEY-8-1%2C.

Figura 7 – Detalhes do cartucho do mapa – Adrien-Hubert Brué, “Mapa do Brasil et de uma parte dos países vizinhos. Redigido por A. Brué Geógrafo do Rei [...]”. Paris, 1826



Fonte: http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/view/search/where/Brazil/?sort=Pub_Date%2CPub_List_No_InitialSort&q=World_Area%3D%22South+America%22+LIMIT%3ARUMSEY~8~1%2C.

Figura 8 – Detalhes do título do mapa – Adrien-Hubert Brué, “Mapa do Brasil et de uma parte dos países vizinhos. Redigido por A. Brué Geógrafo do Rei [...]”. Paris, 1826



Fonte: http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/view/search/where/Brazil/?sort=Pub_Date%2CPub_List_No_InitialSort&q=World_Area%3D%22South+America%22+LIMIT%3ARUMSEY~8~1%2C.

Saint-Hilaire propõe, por exemplo, cinco novos nomes de divisores de água dos grandes rios brasileiros. Para a grande cadeia de montanhas, montes e picos, agrupados sob o topônimo “Serra do Espinhaço”, que vai da Serra da Canastra, na fronteira entre as províncias de São Paulo e Minas Gerais, até o Norte, próximo à fronteira com a Província da Bahia, ele sugere três novos nomes: (1) Serra de São Francisco e Rio Grande; (2) Serra de São Francisco e Rio Doce; (3) Serra de São Francisco e Rio Jequitinhonha. Os dois outros nomes propostos por Saint-Hilaire (Serra do São Francisco e do Tocantins e Serra do Corumbá e do Tocantins) reúnem as cadeias de montanhas do Sul ao Norte a partir da Serra de Santa Martha (ou Vertentes, como ela era chamada por Saint-Hilaire mais ao Sul), passando pela Serra dos Pireneus, localizada em frente à Vila Boa de Goiás (atualmente Cidade de Goiás, mais conhecida como Goiás Velho), indo até a Chapada dos Veadeiros (batizada de Chapadão pelo naturalista). Observa-se, então, que os principais objetos geográficos utilizados por Saint-Hilaire para formalizar os novos topônimos são as nascentes dos grandes rios.

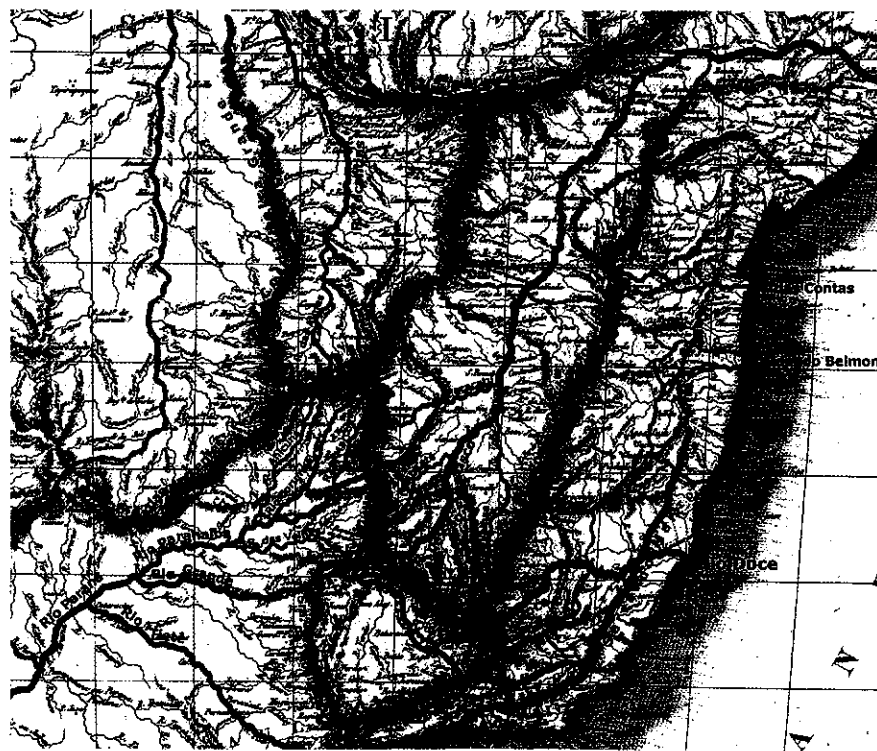
Na proposta de Saint-Hilaire (Figura 9) sobressaem dois eixos longitudinais e somente um eixo latitudinal. No que se refere aos dois eixos longitudinais, o primeiro é composto por duas cadeias de montanhas (Corumbá e Tocantins; São Francisco e Tocantins) que, de Norte a Sul, dividem as águas dos rios Tocantins, Corumbá, Araguaia e Grande. Esses, por sua vez, se ligam à bacia do Rio da Prata pelos rios Paraná e Paraguai, até chegar à sua foz; o segundo é composto por três cadeias de montanhas (São Francisco e Jequitinhonha; São Francisco e Doce; São Francisco e Grande) que, de Norte a Sul, dividem as águas dos rios São Francisco, Jequitinhonha, Doce e Grande, que, por sua vez, confluem para desaguar na Bacia do Rio Prata, exatamente como no eixo anterior.

No que diz respeito ao eixo latitudinal, ele é composto por cinco cadeias de montanhas (São Francisco e Jequitinhonha; São Francisco e Doce; São Francisco e Grande; São Francisco e Tocantins; Corumbá e Tocantins), que, de Oeste a Leste, dividem as águas dos rios Jequitinhonha, Doce, São Francisco e Grande até sua confluência com a Bacia do Prata no Sudeste, e dos rios Corumbá, Tocantins e Araguaia, se aproximando bastante da área que é conhecida hoje em dia como Planície do Pantanal, no Centro-Oeste²⁴.

24 Desenho realizado por Rogério Beier, a quem agradecemos.

Embora os novos topônimos propostos por Saint-Hilaire não constem no mapa de Brué, ele mencione esta carta geográfica, cuja primeira versão foi publicada em 1822, e revista no ano em que a França reconheceu a independência do Brasil. Nesta carta, as montanhas não estão nomeadas de acordo com as bacias hidrográficas dos principais rios e seus nomes constam de maneira individual, como, por exemplo, as montanhas das Almas, do Espinhaço, da Canastra, da Marcella, dos Cristais, dos Pireneus, de Santa Marta, das Vertentes e da Tabatinga, dentre outras.

Figura 9 – Inscrição dos nomes das montanhas e pequenas cadeias atribuídas por Saint-Hilaire inscritas no mapa de Adrien Brué – “Mapa do Brasil e de uma parte dos países vizinhos. Redigida por A. Brué Geógrafo do Rei [...]”. Paris, 1826



Fonte: Toponímia atribuída por Saint-Hilaire sinalizada no mapa de Adrien-Hubert Brué por Rogério Beier, maio/2022.

Segundo a historiadora Wilma Peres Costa (2008), os ensaios publicados nos anos 1840 oferecem uma interpretação geopolítica do sistema hidrográfico.

Os excertos do trabalho de Saint-Hilaire nos oferecem um contraponto sutil com aqueles outros viajantes que, como Langsdorff, a partir de 1828, e o Comte Francis de Castelnau, na década de 1840, procuravam a possibilidade de comunicação entre a Bacia Amazônica e a Bacia Platina, pondo em relevo a fragilidade da fronteira do Mato Grosso, objeto de acerbadas disputas territoriais no interior do continente e objeto de interesse das potências europeias. No lugar dessa fronteira sensível, os relatos de Saint-Hilaire tendem a se voltar para os sistemas hidrográficos que integram o território brasileiro, a partir de dentro, como é o caso, por exemplo, do Rio São Francisco (COSTA, 2006b, p. 35).

Nesses ensaios, Saint-Hilaire descreve o ponto exato onde se encontram as nascentes do Rio São Francisco e as populações que moravam na área, ressaltando a sua importância na integração agroeconômica do território. Ao mesmo tempo, ele destaca a importância da Província de Minas Gerais como um ponto de divisão dos sistemas hidrográficos no Norte e no Sul do País. Para ele, Goiás constitui um centro geopolítico do Brasil, a partir do qual seria possível traçar uma rede interna de comunicação, utilizando os rios como vetores de integração econômica entre o interior do continente e o litoral, fronteiras que alcançam a Província do Mato Grosso, outro ponto de junção entre as bacias Platina e Amazônica, elo de comunicação ligado aos dois maiores sistemas fluviais do continente.

Aqui está um ponto que, situado próximo aos 21°7'4" de latitude austral e aos 47°55' longitude [sic] a partir do meridiano de Paris, é chamado a se comunicar/ ao qual se recorre para se comunicar, por água, quase sem interrupção, com dois portos, Montevideu e Para, localizados um na embocadura do Rio de la Plata, e o outro na do Rio do Tocantins, mas também com Mato Grosso, Paraguay, Entre-Rios e [com] as antigas missões do Uruguay. O que são nossos mesquinhos córregos/riachos perto desses rios gigantescos que percorrem tantas regiões/partes diversas, e onde as águas, após terem regado/molhado as árvores majestosas da zona tórrida, fazem nascer sobre outros rios as humildes plantas dos climas temperados!²⁵

²⁵ Cité par [Anonyme]. 'Analyses critiques', sur Auguste de Saint-Hilaire, Voyage aux sources de Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz (1847). Nouvelles Annales des voyages des sciences géographiques, 1849, t. 121, p. 98.

Saint-Hilaire, Varnhagen e o projeto civilizador

Como foi referido anteriormente, o projeto político de deslocamento da capital para o interior do Brasil foi proposto por José Bonifácio de Andrada e Silva durante os debates da constituição rejeitada em 1823²⁶. A ideia havia sido anteriormente veiculada pelo jornalista Hipólito José da Costa em seu jornal *Correio Braziliense*, em 1813²⁷. Em 1849, o diplomata e historiador Adolfo Varnhagen insiste nesse projeto. Para isso, ele sustentava a validade da teoria climática de Alexander von Humboldt.²⁸

Se o clima do Rio Grande do Sul, no litoral, é mais fresco e análogo aos da Europa que os das demais províncias, não é menos certo que, no interior destas últimas, há chapadões mui levados, em que a temperatura é igualmente benigna, e em que no inverno caem até as folhas á maior parte das arvores. E' mui conhecido o princípio, com as proporções até designadas por Humboldt, de que a identidade da temperatura se opera nas mais baixas latitudes pela ascensão das altitudes; e isto a tal ponto que debaixo da equinocial, nas imediações de Quito por exemplo, há neves perpétuas (VARNHAGEN, 1935, p. 27).

A exemplo de Saint-Hilaire, Varnhagen atribui à geografia a prefiguração da Nação brasileira, um destino manifesto na paisagem física²⁹, que justificava o deslocamento da capital para dinamizar a vida econômica, favorecendo um sistema defensivo mais pródigo:

Ao observar o mappa, parecia-nos que estaria ella muita mais resguardada no centro, como está no corpo humano o coração, e não na fronteira – e fronteira marítima –, limitrophe de todas as nações poderosas do globo, representadas por suas esquadras (VARNHAGEN, 1935, p. 7).

A transferência da capital para o Planalto Central se torna, assim, uma proposta amplamente discutida no contexto das revoltas provinciais

26 Falcão (1963); Barbosa (2010); Varela (2009, p. 215-280).

27 Vidal (2002).

28 Audrá (1969); Wehling (2016); Guimarães & Glezer (2013).

29 Cezar (2002); Janke (2014).

que sucedem a renúncia do rei Pedro I, em 7 de abril de 1831. Em Saint-Hilaire, a ameaça de fragmentação da unidade política poderia ser impedida desde que houvesse uma sinergia geoeconômica. O naturalista francês projetava uma potente ideologia geográfica, como conceituou o geógrafo Antônio Carlos Robert de Moraes (2005).

Considerações

Finalmente, resta interrogar como o conhecimento dos naturalistas repercutiu no processo de tomada de consciência do espaço geopolítico. Qual teria sido o papel de Saint-Hilaire nesse momento em que se intensificaram as interações entre os sábios locais e os botânicos estrangeiros. Um aspecto fascinante do trabalho de Saint-Hilaire é certamente o rigor e a sensibilidade com que ele leva em consideração os seus informantes, buscando discernir o processo de fixação e de transmissão da memória de ocupação territorial, dialogando com as fontes oferecidas pelos habitantes e práticos locais.

A proposta de deslocamento da capital do litoral para o sertão foi concebida em um contexto de mudança estrutural da economia brasileira, quando não havia mais possibilidade de prosseguir com a importação de escravizados. Na década de 1840, não se tratava mais de defender unicamente as fronteiras exteriores do império brasileiro, mas sobretudo de garantir a colonização do interior do continente³⁰. A consolidação da nova matriz espacial brasileira, segundo Luiz Felipe de Alencastro (2015, p. 26), significou também um afastamento das conexões com o continente africano na própria narrativa historiográfica brasileira, desde então. Aspecto que pode ser entrevisto na obra de Varnhagen:

O Rio seria boa capital se o Brazil tivesse em vista absorver a Africa, assim como o seria a cidade de Cuiabá ou de Matto Grosso se nos quizessemos estender para o Occidente; ou Bagé se quizessemos ameaçar os Estados do Sul. Mas se a nossa missão for só conservarmos integro o território que era de nossos pais, e melhora-lo quanto possível, a capital n'um lugar forte e central é a melhor (VARNHAGEN, 1877, p. 15).

30 Alencastro (1979, p. 389-419).

A invenção geográfica de um novo centro político para o Império Brasileiro em um contexto de transformação radical do mercado de trabalho – com o fim iminente do comércio transatlântico de escravizados – coincide com os argumentos do naturalista francês. A escrita geográfica de Saint-Hilaire revela um novo momento da “disputa do Novo Mundo” como denominou o grande historiador Antonello Gerbi. A investigação sobre a geografia de plantas de certa forma subsidiou cientificamente as propostas de introversão da matriz comercial e geopolítica brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. Capítulo XI. In: *Capítulos de História Colonial*. São Paulo: Itatiaia, 1988 (1. ed. 1928), p. 233-253.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. La Traite Négrière et l'unité Nationale Brésilienne. Paris : *Revue Française d'Histoire d'Autre-Mer*, n. 244/245, 1979.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Introduction: The Ethiopic ocean – history and historiography, 1600 – 1975. *The south Atlantic, past and present*. Mass: Tagus Press, 2015. p. 1-79.
- ALMEIDA, André Ferrand de. *A formação do espaço brasileiro e o projeto do Novo Atlas da América portuguesa (1713-1748)*. Lisboa: CNCDP, 2001.
- ARAÚJO, Renata Malcher de. *A Urbanização do Mato Grosso no século XVIII: discurso e método*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2001. 2v. Tese (Doutorado em História da Arte).
- AUDRÁ, Helmut. Varnhagen e a idéia da mudança da capital brasileira. *Revista de História*, São Paulo, n. 79, v. 39, p. 139-154, sep. 1969, Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/128821>.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *D. João VI e a siderurgia no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.
- BEIER, José Rogerio. *Artefatos de poder: Daniel Pedro Müller, a Assembleia Legislativa e a construção territorial da província de São Paulo (1835-1849)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2015. 375f. Dissertação (Mestrado em História).
- BOURGUET, Marie-Noëlle. *Écriture du voyage et construction savante du monde – Le carnet d'Italie d'Alexander von Humboldt*. Berlin: Max Planck Institute for the History of Science, 2004.
- BOURGUET, Marie-Noëlle. *Le monde dans un carnet. Alexander von Humboldt en Italie (1805)*. Paris: Le Félin, 2017.

- CAMARGO, Kátia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes: uma intermediária entre dois mundos*. Natal: EDUFRN, 2007.
- CEZAR, Temístocles Correa. *L'écriture de l'histoire au Brésil, au XIXe siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité: le cas Varnhagen*. Paris: EHESS, 2002.
- CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da História. *Historiografia e nação no Brasil do século XIX. Diálogos*, DHI/UEM, n. 1, v. 8, 2004.
- CINTRA, Jorge Cintra; BEIER, José Roberto. O mapa da Capitania de São Paulo de Wilhelm Ludwig von Eschwege. *Anais do 3 Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*, 2016. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simpósio2016/pdf/20JoseRogerioBeier-JorgeCintra_3SBCCH.pdf
- Cité par [Anonyme]. 'Analyses critiques', sur Auguste de Saint-Hilaire, *Voyage aux sources de Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz (1847)*. *Nouvelles Annales des voyages des sciences géographiques*, 1849, t. 121, p. 98.
- CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e Tratado de Madrid*. 2 vols., Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1963.
- COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. *Spix e Martius: relatórios ao Rei*. Rio de Janeiro: Capivara, 2018.
- COSTA, Wilma Peres. European Travelers and the writing of the Brazilian Nation. In: DOYLE, Don; PAMPLONA, Marcos. *Nationalism in the New World*. Georgia: University of Georgia Press, 2006a. p. 208-229.
- COSTA, Wilma Peres. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e trajetória intelectual. In: RIDENTI, Marcelo et al (org.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006b. p. 31-48.
- COSTA, Wilma Peres. Viajantes europeus e o escrever da nação brasileira (299-327). In: PAMPLONA, Marco A.; DOYLE Don H (dir.). *Nacionalismo no Novo Mundo – a formação de estados-nação no século XIX*, v. 1. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- DAMASCENO, Claudia. Voyages dans l'intérieur du Brésil: Les observations historiques et géographiques d'Auguste de Saint-Hilaire. In: LAMY, Denis et al. *Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), un botaniste français au Brésil*. Paris: Publications du Muséum National d'Histoire Naturelle, 2016. p. 207-236.
- DENIS, Jean Ferdinand. *Histoire géographique du Brésil*. Paris: Imprimerie de Casimir, 1833.
- DOLHNIKOFF, Miriam. *José Bonifácio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 123 e 192.
- FALCÃO. Edgar Cerqueira (dir.). *Obras científicas, políticas e sociais de José Bonifácio de Andrada e Silva*, 3 v. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1963.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; GLEZER, Raquel. *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. História e Natureza em von Martius: esquadrihando o Brasil para construir a Nação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, n. 2, v. VII, jul./ago. de 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300008. Acesso em: 17 jul. 2023.

HUMBOLDT, Alexander von; BONPLAND Aimé. *Géographie des plantes équinoxiales: tableau physique des Andes et pays voisins dressé d'après des observations et des mesures prises sur les lieux depuis le 10° degré de latitude boréale jusqu'au 10° de latitude australe en 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803 / par Alexandre de Humboldt et Aimé Bonpland; esquissé et rédigé par Humboldt, dessiné par Schönbberger et Turpin*. Paris: Langlois, 1805.

JANKE, Leandro Macedo. *Duarte da Ponte Ribeiro*. Território e territorialidade no Império do Brasil. São Paulo, FFLCH-USP, 2014. 254f. Tese (Doutorado em História).

KANTOR, Iris. Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850). *Anais do Museu Paulista*, v. 17, n. 2, p. 39-61, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142009000200004>. Acesso em: 7 abr. 2019.

KANTOR, Iris. L'appropriation des cartes de d'Anville dans le monde luso-brésilien: mémoire toponymique et stratégie diplomatique dans la région amazonienne. In: HAGUET, Lucile; HOFMANN, Catherine (org.). *Une Carrière de géographe au siècle des Lumières: Jean-Baptiste D'Anville*. Oxford: Voltaire Foundation, 2018. 528p.

KURY, Lorelai. Saint-Hilaire: viagem e botânica filosófica. In: GESTEIRA, Heloisa et al. *Formas do Império: Ciência, Tecnologia, Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 105-329.

KURY, Lorelai. Botany in war and peace: France and the circulation of plants in Brazil (late eighteenth and early nineteenth century). *Portuguese Journal of Social Science*, v. 16, n. 1, p. 7-19, 2017.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LEJEUNE, Dominique. *Les Sociétés de géographie en France et l'expansion coloniale au XIX siècle*. Paris: Albin Michel, 1993.

LEMBRANÇAS e Apontamentos do Governo Provisório da Província de S. Paulo para os seus deputados, mandadas publicar por ordem de sua alteza real o Príncipe Regente do Brasil. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, p. 9 (Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin). Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4175>. Acesso em: 30 abr. 2020.

MAGALHÃES, Joaquim Romero de. A Construção do Espaço Brasileiro. In: BETHENCOURT, Francisco (org.). *História da Expansão Portuguesa*, v. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998. p. 28-64.

MARC-BESSE, Jean et al. *Naissances de la géographie moderne (1760-1860)*. Paris: ENS Éditions, 2010.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. Entre a casa e o Estado. Nação, território e projetos políticos na construção do Estado Imperial brasileiro. In: VARGAS, Héctor Mendoza (org.). *La Integración del territorio en una idea de Estado, México y Brasil*. Cidade do México: UNAM, 2007. p. 589-608.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. *Ideologias Geográficas*. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. Introduction à l'affirmation de la territorialité de l'Etat au Brésil. *Société de Géographie*, v. 1521, p. 7-17, 2006.

OLARTE NIETO, Mauricio. Americanismo y Eurocentrismo. *Alexander von Humboldt y su paso por el Nuevo Reino de Granada*. Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales, 2010.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Revista de Estudos Avançados*, n. 68, v. 24, 2010.

PALSKY, Gilles et al. Le monde sur une feuille. Les tableaux comparatifs de montagnes et de fleuves dans les atlas du XIXe siècle. Paris: Chez Fage éd, 2014.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, Paris: Grimbert; Dorez, 1830.

SAINT-HILAIRE, Auguste de (1779-1853). *Voyages dans l'intérieur du Brésil*. Paris: Grimbert et Dorez, 1830.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Tableau géographique de la végétation primitive dans la province de Minas Geraes*. Paris: A. Pihan de la Forest, 1837.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Observations sur les diviseurs des eaux de plusieurs des grandes rivières de l'Amérique du Sud, et sur les noms qu'il convient de leur appliquer. In: *Nouvelles annales des voyages et des sciences géographiques*, t. 3, p. 257-258, 1847.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de São Paulo*. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Resumo Histórico das revoluções do Brasil desde a chegada do rei D. João VI à América até a abdicação do imperador D. Pedro I. In: *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Trad. Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/Edusp, 1974. p. 213-233.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TEIXEIRA, Dante Martins; PAPAVERO, Nelson. *Os Animais do Descobrimento: a fauna brasileira mencionada nos documentos relativos à viagem de Pedro Álvares Cabral (1500-1501)*. Rio de Janeiro: Publicações Avulsas do Museu Nacional, n. 111, p. 1-133, 2006.

VARELA, Alex Gonçalves. *Atividades científicas na capitania bela e bárbara de São Paulo (1786-1823)*. São Paulo: Annablume, 2009. p. 215-280.

VARNHAGEN, Adolfo (Visconde de Porto Seguro). *A questão da capital (1877)*. Rio de Janeiro: Câmara dos Deputados, edição fac-símile, 1935.

VIDAL, Laurent. *De Nova Lisboa a Brasília: l'invention d'une capital (XIXe-XXe siècles)*. Paris: Éditions de l'IHEAL, 2002. 352p (Col. Travaux & Mémoires de l'IHEAL, n° 72).

WEHLING, Arno. Integridade e integração nacional: duas ideias-força de Varnhagen. In: LIMA, Sérgio Eduardo Moreira (org.). *Varnhagen (1816-1878): diplomacia e pensamento estratégico*. Brasília: FUNAG, 2016.